

História Cultural



VII Simpósio Nacional de História Cultural HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO, LEITURAS E RECEPÇÕES

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

A FALA DA LOUCURA ATRAVÉS DOS PRONTUÁRIOS MÉDICOS DA COLÔNIA DE ALIENADOS EDUARDO RIBEIRO – MANAUS (1960- 1970)

Lidiane Álvares Mendes*

“Na loucura, o homem é separado de sua verdade e exilado na presença imediata de um ambiente em que ele mesmo se perde.” (Foucault)¹.

A fala que ecoa nos prontuários médicos aqui analisados, tem como pano de fundo a Colônia de Alienados Eduardo Ribeiro², em Manaus, nos ides de 1960/1970. Fundado em 1894, na administração do Governador Eduardo Gonçalves Ribeiro³, como parte do projeto de reurbanização da cidade que se reorganiza com o dinheiro vindo dos seringais, a instituição num primeiro momento teve como principal finalidade internar não somente os loucos, mais todos os seus companheiros de fama, excluídos nos becos, prostúbulos, bares, praças e ruas, transgressores da ordem, da moral e dos bons costumes.

* Lidiane Álvares Mendes, é graduada em licenciatura plena em História, pelo Centro Universitário de Várzea Grande/MT, pós-graduada em Formação Histórica das Políticas Públicas e Sociais no Brasil, pela mesma instituição e atualmente é mestranda em História pela Universidade Federal do Amazonas.

¹ FOUCAULT, Michel. História da Loucura na Idade Clássica. Trad. José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectivas, 2012.p.377.

² São várias as denominações utilizadas em relação ao nome desta Instituição nas quais encontramos em diversos documentos, Hospício de Alienados, Asilo dos Alienados, Colônia de Alienados Eduardo Ribeiro, e atualmente Centro Psiquiátrico Eduardo Ribeiro

³ Eduardo Gonçalves Ribeiro, governou o Amazonas entre os anos de 1892 a 1896, concentrando suas obras de reurbanização em Manaus.

Sua administração ficou a cargo da Santa Casa de Misericórdia, desmembrando posteriormente, o espaço físico passou por diversos lugares da cidade, até que em 1928, se estruturou definitivamente no endereço⁴ que se encontra até os dias atuais, vale ressaltar que o prédio ficava em um local tão ermo que sua efetiva construção durou mais que o tempo previsto, era o ponto final da linha do bonde, vemos em Dias que,

Para a construção do Asilo dos Alienados, foi escolhido um lugar tão afastado do centro da cidade, que a demora na conclusão da obra era justificada pela distância e dificuldade de transporte do material de construção e de pessoal. A ação da polícia sanitária, visando neutralizar o perigo que representava a circulação dos loucos pelo espaço urbano não só impõem uma polícia de recolhimento no espaço fechado do hospício, como também isola o mais que pode o hospital do centro da cidade.⁵

Para além da construção do espaço físico da Colônia de Alienados, a proposta desta reflexão é analisar através dos prontuários médicos, a fala da loucura na voz dos homens: seringueiros, pedreiros, marceneiros, servidores públicos, marítimos, braçais, mecânicos, desempregados, enfim, profissões diversas, causas de internações iguais ou muito parecidas.

Nessa discussão os prontuários médicos do período em questão, estão depositados no Serviço de Arquivo Médico e Estatístico (SAME)⁶ que em geral, contém as seguintes informações de identificação do paciente: nome, idade, sexo, filiação, cor, religião, profissão, estado civil, data de nascimento, nacionalidade, naturalidade, endereço, procedência, data de internação, data da alta, fuga, ou óbito, número do prontuário. As demais identificações como dados etiológicos, moléstia atual, exame físico, aparelho respiratório e aparelho circulatório, serão problematizadas dentro do contexto. Procuraremos transcrevê-los com fidelidade, apesar de algumas estarem ilegíveis, por sorte, outras estão datilografadas.

No cruzamento dos prontuários médicos com as fichas índices, percebemos que alguns pacientes não aparecem nas fichas, sabemos que os prontuários médicos são fontes de inesgotáveis interpretações, tal como as fichas índices, mais pensar qual foi o critério

⁴ Hoje conhecido como Centro Psiquiátrico Eduardo Ribeiro, está localizado à Avenida Constantino Nery, 4307. Bairro: Chapada. Manaus/AM.

⁵ DIAS. Edineia Mascarenhas. A ilusão do Fausto. Manaus: Ed. Valer, 1999.p.122.

⁶ O SAME, está localizado dentro do hoje Centro Psiquiátrico Eduardo Ribeiro.

utilizado pela equipe que fez a catalogação destes, é pensar que a sociedade impõe ao futuro o que eles querem que seja lembrado.

Para Ophir,

[...] O historiador que tenta reconstruir e explicar as ações humanas deve aceitar ideias diferentes, às vezes, concorrentes do possível, tais como elas estão encarnadas nestas ações. Pode-se evidentemente tentar reduzir as percepções do que parece possível, e a que preço [...]’⁷

Ainda que o historiador e a historiografia estejam em constantes transformações, algumas fontes nos levam a novos olhares e discussões, é desta forma que os prontuários médicos, tem muito a nos dizer sobre os ditos loucos e a loucura, as percepções e representações intrínsecas nestes documentos que nos falam.

Na abordagem dos prontuários médicos como fontes históricas, vemos em Certeau “transformar alguma coisa, que tinha sua posição e seu papel, em alguma outra coisa que funciona diferentemente”⁸, ou seja, trazer como fontes de estudos históricos os prontuários médicos.

Elencamos para esta reflexão, prontuários médicos⁹ que foram digitalizados, para esta pesquisa e que quantitativamente nos remetem as problematizações da loucura masculina e seus estigmas, utilizamos para tanto, as representações e experiências nas quais estes pacientes foram levados a Colônia de Alienados Eduardo Ribeiro.

Nesta perspectiva, encontramos em Foucault que,

[...] Ao acaso, eis alguns internamentos por “desordem do espírito”, a respeito dos quais se podem encontrar menções de registros: “demandante obstinado”, “homem mais processado”, “homem muito mau e chicaneiro”, “homem que passa os dias e as noites a atordoar os outros com suas canções e a proferir as blasfêmias mais horríveis”, “pregador de cartazes”, “grande mentiroso”, “espírito inquieto, triste e ríspido”.¹⁰

⁷ OPHIR, Adir. Das Ordens no Arquivo. In: SALOMON, Marion. (org.) Saber dos Arquivos. Goiânia: Edições Ricochete, 2011, p.89.

⁸ CERTAU, Michel. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982, p. 83.

⁹ São 250 prontuários médicos, entre os anos de 1960 a 1970. Para a construção deste artigo elencamos alguns destes prontuários que nos remetem a problematização destas interações.

¹⁰ FOUCAULT, Michel. *História da Loucura na Idade Clássica*. Trad. José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectivas, 2012, p.p.135-136.

E continua,

[...] O que é designado nessas fórmulas não são doenças, mas formas de loucura que seriam percebidas como o extremo de *defeitos*. Como se, no internamento, a sensibilidade à loucura não fosse autônoma, mas ligada a uma certa ordem moral onde ela só aparece a título de perturbação. [...] ¹¹

Através das afirmativas de Foucault, encontramos no prontuário médico de F.C.F, 33 anos, brasileiro, manauara, católico, solteiro, de cor parda, funcionário municipal, instrução primária, internado no dia 10 de junho de 1961, com os motivos citados abaixo conforme histórico da doença

“Paciente relata que por 2 vezes esteve internado neste manicômio. Tudo começou com uma febre intensa e cefalia que perdurou por várias semanas, acompanhado de vômitos e desmaios. Cita ainda que o trouxeram para o hospital após ter aplicado um ponta pé na porta de sua casa, isto na primeira vez, da segunda vez o motivo foi, terem escondido o seu chinelo o que lhe provocou aborrecimento e levou-o a querer brigar com todos os que rodeavam.” ¹²

Em seu prontuário o diagnóstico declarado é de esquizofrenia, o fato é que consta em uma das análises médicas que o paciente tinha boa orientação, colaborava com as atividades da Colônia, boa higiene, boa saúde, porém sua alta é de 20 de julho de 1972, portanto por mais de uma década, F.C.F, esteve sobre os cuidados da psiquiatria do Eduardo Ribeiro, não consta se recebia visitas de amigos ou familiares, mais que fica a dúvida se o motivo de sua estada por tanto tempo era mesmo necessária.

Muitas das internações foram sumariamente realizadas pela polícia, como vemos em Cunha,

O parentesco entre loucura e crime, [...] constitui um aporte básico para a expansão do alienismo para além dos muros do hospício, ao dissociar a loucura e razão e abrindo a possibilidade teórica de uma loucura sem delírio, remetida exclusivamente à esfera dos comportamentos [...] ¹³

¹¹ Idem, p.135-136.

¹² Prontuário, Flávio C.F, internado em 1961.

¹³ CUNHA, Maria Clementina Pereira. O espelho do mundo: Juquery, A História de um Asilo. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. p.24.

Dentro da afirmação acima vemos o caso de W.Q.C, 21 anos, que esteve várias vezes internado, somente tendo seu cadastro em prontuário em 21 de fevereiro de 1970, brasileiro, amazonense, analfabeto, sem profissão, católico, de cor branca, solteiro,

“Já veio várias vezes para o hospital pelo motivo de bater nos outros principalmente na mãe. Não fala nada exceto “mamãe” e “papai”. Vivia pegando objetos para jogar (...) de casa. Perto de sua casa tem um Senhor que ele o atende muito. Tudo que o senhor manda fazer ele faz. Segundo sua irmã.”¹⁴

As demais informações sobre o paciente estão assim relacionadas: durante a gravidez a mãe teve febre altíssima, nasceu de parto normal, a família tem boas condições econômicas, seu diagnóstico é “retardado mental”, e mesmo agredindo a mãe, o paciente tem alta em 08 de agosto de 1970, a pedido da família e sai do hospital acompanhado. Percebemos que em casos como o de W. Q. C. que sua loucura não era delirante, mais agressiva, contudo o paciente não fala conforme citado acima.

F.J.A, brasileiro, amazonense, solteiro, pardo, 33 anos, católico, grau de instrução primário, mecânico de automóvel, internado em 31 de maio de 1964, sob as circunstâncias,

“Sendo mecânico de automóvel trabalhava de dia e de noite tendo muitas vezes se alimentado mal. Foi ficando fraco e começou a ficar irritado e dizer tolices. Começou a sentir raiva da família e não gostava de ver ninguém em casa. De acordo com sua irmã, ele ficava muitas vezes num canto parado, sorrindo, e as vezes falava: “sai do meu ouvido, deixe-me em paz” [...] Sendo internado nesse hospital, fugia várias vezes. Numa delas chegou em casa e colocou todos para fora, porem como sua cunhada estava de resguardo e não podendo sair, foi agredida por ele. Um dos seus irmãos, casado com a agredida, foi tomar satisfação e foi ferido com uma garrafada falecendo posteriormente. Foi para a Penitenciária e depois veio para este hospital.”¹⁵

As vozes ouvida por F.J.A, relatadas em seu prontuário e depois a atitude de matar o irmão com uma garrafada, o que levou-o não somente a uma internação mais na verdade a uma reclusão social, pois ele cometeu um crime, e sendo assim deveria ficar detido ou na cadeia ou no hospício. Nas várias observações de medicalização, alimentação, e comportamento, nos sugere que o paciente permaneceu calmo por todo o

¹⁴ Prontuário, Walter Q.C, internado em 1970.

¹⁵ Prontuário, Flávio de J.Alves, internado em 1964.

período no qual manteve-se internado, supostamente¹⁶ seu óbito ocorreu em 29 de maio de 1982, pois consta na parte esquerda superior a palavra: FALECIDO.

As conceitualizações diante da demência nos faz pensar nas diversas facetas incorporadas pela loucura e a segregação destes *a-sociais*¹⁷, através da reclusão, medicalização e usos de aparelhos de coerção para tratamento e cura, se fazem presente nos prontuários aqui estudados, percorramos o caso de J.N.F.F¹⁸, diagnóstico de esquizofrenia, internado por sentir dores de cabeça, disse acreditar em Deus, recebeu num período de 8 meses, 28 eletrochoques. Não consta data de evasão, alta ou óbito.

O caso acima, nos leva a Foucault, quando este nos coloca que, [...] *na percepção social da loucura, na consciência sincrônica que a apreende, deve-se portanto poder reencontrar essa dualidade – simultaneamente censura e equilíbrio.*[...] ¹⁹

A loucura não perpassa tão somente atos criminosos, demência, alucinações. moralidade, internamentos por engano, ela entra em cena em discursos estabelecidos pelo próprio paciente que relata em sua entrada no hospital, os motivos de sua internação.

O caso de H.P.F²⁰, 76 anos, que diz ter sido internado 8 vezes, mais o único prontuário encontrado foi este que segundo seus relatos fora parar no Colônia porque,

“Certa vês por causa de um filho de uma vizinha sua, ficou estingado com ele. E por causa disso ele acha que ela lhe colocou um feitiço e o fez ficar doente. Quando chegou aqui, com o passar do tempo foi melhorando, e se mais ou menos. Discute sua estada aqui, e 8 vêzes obteve alta médica para ir em casa e voltar.”

As observações em relação ao paciente citado acima continuam assim: orientado no tempo e espaço, não possui alucinações, nem ideias delirantes, inteligência boa. Em sua hipótese diagnóstica consta, demência pré-senil, tendo como data da alta 25 de novembro de 1971. Este é um caso que podemos nos amparar em Cunha quando ela nos coloca que, [...] *o diagnóstico será mais ou menos fundamentado – e o prontuário mais*

¹⁶ A palavra supostamente foi usada aqui, pois a última data que consta da movimentação do paciente foi a de 29 de maio de 1982.

¹⁷ Foucault, *op.cit.* p.118.

¹⁸ Prontuário de José N.F.F, 37 anos, brasileiro, católico, amazonense, solteiro, pedreiro/marceneiro, 4º ano primário, internado em 1966.

¹⁹ Foucault, *op.cit.* p.125.

²⁰ Prontuário de Henrique P.F, casado, pardo, comerciante, instrução primária, internado em 27 de abril de 1965.

ou menos recheado – [...]”²¹. A idade de H.PF, e os anos de trabalho como vendedor de vinhos e tabaco nas madrugadas, o fez desenvolver “achismo” de feitiços que jogaram contra ele, sendo portanto diagnosticado com demência por causa da idade.

A seleção de informações entre quem escreve o prontuário e o que realmente aconteceu nos remete ao discurso de memórias para o futuro, o que guardar e o que apagar, nessa conjuntura alguns prontuários nos apresenta da seguinte forma: nada consta além dos dados de entrada, e a data de falecimento, como é o caso de J.E.A²², casado, brasileiro, residente em Manaquiri, interior do Amazonas, 45 anos, branco, agricultor, não consta filiação, religião, ou prognóstico de doença, a data de sua internação é do dia 09 de setembro de 1967 e seu falecimento um dia depois. Consta nas premissas legais de internação: guia da polícia civil e atestado do Dr. H. da Silva.

Outro caso semelhante, é de M.M.A²³, brasileiro, servente, solteiro, 47 anos, internante polícia civil, com atestado médico do Dr. A. d’Urso, nenhuma observação, nem diagnóstico, nem mesmo data da alta, evasão ou morte.

Através da fala dos prontuários médicos, observamos que as múltiplas causas de internações são uma constante no período aqui estudado, suas constituições e contradições, tanto na escrita destes, quanto na fala dos pacientes nos mostra as escolhas estabelecidas pelo indivíduo que preenchem, a grosso modo esses formulários médicos.

Portanto analisar a fala da insanidade através dos prontuários médicos existentes na Colônia de Alienados Eduardo Ribeiro, é buscar construir através da micro história as faces da loucura, as internações advindas de várias concepções, e as representações contidas neste campo que surge sob novos olhares para a historiografia local.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Parafrazeando Foucault, “*a loucura designa o equinócio entre a vaidade dos fantasmas da noite e o não-ser dos juízos da claridade*”²⁴, e são esses fantasmas que prospectam na loucura a tragédia, ou como fraqueza do cérebro que leva o ser humano a

²¹ Cunha, idem.p.127.

²² Prontuário de José, E.A.

²³ Prontuário de Manoel M.A.

²⁴ Foucault, op.cit.p.246

perder seus valores morais, a cometer crimes, a perder a decência e a clareza de pensamentos, compartilhando com a desrazão, atos de transgressão social, e que contrapõem com a clareza do juízo nos momentos de sanidade.

Galgar nos prontuários médicos os fantasmas da noite e o não ser dos juízos da clareza, através das fontes históricas a trajetória destes sujeitos da alienação, sobretudo no que tange ao terror da medicalização, a coerção através das práticas repressivas como o eletrochoque e os banhos coletivos, a imposição de internação pelo Estado ou pela família e o abandono realizado pelos mesmos, é premissa constante nas análises realizadas nos prontuários médicos.

Na construção desta discussão, procuramos contrapor elementos que levaram esses homens a serem internados, por motivos distintos, ficaram a mercê das práticas medicinais existentes no período e que nos faz saltar aos olhos as informações insuficientes ou o descaso no preenchimento destas fichas médicas.

Em relação a exatidão dos dados, percebe-se que igualavam a todos em alguns quesitos como é o campo religião, a maioria dos prontuários aparece como sendo os pacientes católicos, também é visível ao colocarem as disposições sobre os aspectos físicos em que se apresentavam, ou estavam bem alinhados ou pessimamente apresentáveis, não existindo, um meio termo, em nenhum dos casos aqui estudados. Outro campo que aparece muitas vezes sem preencher é o nome da pessoa responsável, pela internação, deixando implícito que este familiar não queria se responsabilizar pelo doente. Também não consta o nome do recepcionista que preencheu as fichas.

Portanto, rastrear como produto histórico prontuários médicos que nos forneçam detalhes da vida desses pacientes é tarefa difícil no Hospital Colônia de Alienados Eduardo Ribeiro, uma vez que muitos prontuários não se cruzam com as fichas índices como já esclarecido.

Nas entrelinhas destes prontuários, esmiuçados como fontes históricas e na busca da construção dessa abordagem nas internações e que se faz essa discussão, que, para além das falas da loucura, buscou-se infiltrar nas relações sociais destes pacientes, e nas concepções adotadas para sua internação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CERTAU, Michel. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. *O espelho do mundo: Juquery, A História de um Asilo*. 2ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

DIAS, Edineia Mascarenhas. *A ilusão do Fausto*. Manaus: Ed. Valer, 1999.

FOUCAULT, Michel. *História da Loucura na Idade Clássica*. Trad. José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectivas, 2012.

OPHIR, Adir. *Das Ordens no Arquivo*. In: SALOMON, Marion. (org.) *Saber dos Arquivos*. Goiânia: Edições Ricochete, 2011.

